

## O UNIVERSO FAMILIAR DAS MÃES ADOLESCENTES

Ana Virgínia Arantes, Débora Ribeiro Lenzi, Doralice de Oliveira e Citro, Ingrid Dorothea Schmidt, Lívia Dias Fernandino, Lílian Duarte, Márcia de Souza Fernandes Soares, Patrícia Tashiro, Viviane Souza da Silva, Denise Cristina Guelfi\*

UNIVAP/Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, virginiaarantes@ig.com.br  
UNIVAP/Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, deblenzi@yahoo.com.br  
UNIVAP/Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, doracitro@yahoo.com.br  
UNIVAP/Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, ingrit\_schmidt@yahoo.com.br  
UNIVAP/Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, lifernandino@hotmail.com  
UNIVAP/Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, lilianduarte247@hotmail.com  
UNIVAP/Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, marciasfsoares@bol.com.br  
UNIVAP/Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, patrishia@ig.com.br  
UNIVAP/Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, ssviviane@yahoo.com.br  
UNIVAP/Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, dguelfi@univap.br\*

**Resumo** - O presente artigo aborda sobre a temática gravidez na adolescência e os novos arranjos familiares. Segundo estatísticas de diferentes países, a gravidez na adolescência tem apresentado alta incidência nas últimas décadas e sido objeto de estudo de diversos estudiosos, uma vez que vem deixando múltiplos efeitos no percurso de vida escolar e profissional das jovens e comprometendo a organização das famílias. Nesse estudo, buscou-se compreender em suas trajetórias de vida como se manifestam as construções sociais de gênero e as mudanças na organização familiar, no estado conjugal, na escola e no trabalho a partir da gravidez. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa, da técnica de entrevista semi-estruturada, aplicada através de formulário com questões abertas e fechadas. A partir dos resultados alcançados pretende-se disponibilizá-los, a fim de embasar a elaboração de novos projetos na área.

**Palavras-chave:** Adolescente, família, gravidez, maternidade, sociedade

**Área de Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas, Serviço Social.

### Introdução

Muitas transformações vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, também compreendida como pós-industrial ou pós-moderna. A sociedade se transforma velozmente, marcada pela instabilidade do mercado de trabalho, pelos vastos problemas sociais, pela intervenção do Estado junto às questões sociais e também pelas inúmeras informações colocadas à disposição dos atores sociais. Neste contexto, a família sofre alterações em seu modelo de organização e novos arranjos familiares vão se constituindo para responder às exigências da modernidade. A família é apontada como “elemento-chave” não apenas para a sobrevivência dos indivíduos, mas também para a proteção e a socialização de seus componentes, representando “a forma tradicional de viver e uma instância mediadora entre o indivíduo e a sociedade” (CARVALHO; ALMEIDA, 2003; p.109), satisfazendo as necessidades básicas de seus membros. Analisando a situação da família na atual sociedade brasileira, marcada pela diversidade cultural e desigualdade social, os autores analisando as diferentes formas de

sobrevivência das famílias valem-se das expressões: “estratégias familiares” ou “estratégias de sobrevivência” (CARVALHO; ALMEIDA, 2003; p.111). O Censo 2000, assinala fatores importantes que evidenciam o crescimento das separações, de novas uniões e de casamentos não-oficiais, e que conseqüentemente, resultaram no “exercício mais amplo da sexualidade, contribuindo para maior incidência da gravidez e da maturidade entre as adolescentes” (CARVALHO; ALMEIDA, 2003; p.111). Analisando-se os pressupostos sociais, econômicos, culturais e de gênero, e o quanto podem afetar direta ou indiretamente as famílias, conclui-se ser necessário ampliar nossa visão acerca dos acontecimentos, que envolvem a realidade do universo familiar das mães adolescentes.

Historicamente, a idade das mulheres terem filhos está relacionada aos mecanismos gerados pela própria sociedade. Atualmente, a sociedade atribui à faixa de 12 aos 20 anos a atividade escolar e a preparação profissional, em um contexto de dependência econômico familiar.

Nas entrelinhas está dito que é preciso atingir a maioria, terminar os estudos, ter melhor trabalho e melhor salário, para só então estabelecer uma relação amorosa e duradoura. Nesse contexto a gravidez e a maternidade na adolescência rompem essa trajetória tida como natural e emergem como problema e risco a ser evitado. Uma gravidez na adolescência sem dúvida desencadearia fatores que representam um comprometimento individual com questões de diferentes ordens.

No entanto, não se pode ter uma falsa idéia de que toda gravidez na adolescência seja inconseqüente e desastrosa. “No Brasil, é no estrato social mais pobre que se encontram os maiores índices de fecundidade na população adolescente” (AMÂNCIO; VITALLE, 2002, p.04). “A gravidez na adolescência tem sérias implicações biológicas, familiares, emocionais e econômicas, além de jurídico-sociais, que atingem o indivíduo isoladamente e a sociedade como um todo, limitando ou mesmo adiando as possibilidades de desenvolvimento e engajamento dessas jovens na sociedade” (AMÂNCIO; VITALLE, ano 2002, p.01).

### **Materiais e Métodos**

Trata-se de uma pesquisa exploratória, com abordagem quanti-qualitativa, valendo-se da técnica de entrevista semi-estruturada, aplicada através de formulário com questões abertas e fechadas. As questões fechadas referem-se com dados de identificação, condição de moradia, aspectos sócio-econômicos-culturais, composição familiar de origem, atual e histórico pessoal. As questões abertas apontam as reações diante a descoberta da gravidez, mudanças ocorridas na vida cotidiana, dificuldades frente às novas responsabilidades com o nascimento do bebê e reflexão sobre o atual arranjo familiar constituído. O universo da pesquisa será composto pelas mães adolescentes, inseridas no Projeto Pezinho da Instituição AJAS - Associação Joseense de Ação Social, cadastradas no período de março de 2005 à junho de 2006, num total de 45. A amostra será representada por 20 mães adolescentes. Os critérios adotados foram residirem em São José dos Campos; faixa etária máxima de 18 anos para aplicação da pesquisa e não terem constituído arranjo familiar anterior, excluindo-se a família de origem.

### **Resultados**

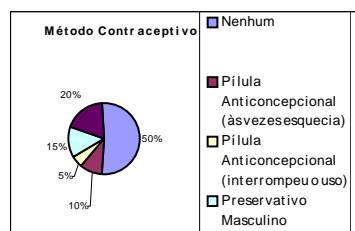
De acordo com a pesquisa, 60% das jovens estão atualmente com 18 anos, 25% possuem 17 anos de idade e 15% variam entre 14 a 16 anos; 85% nasceram em São José dos Campos, sendo 15% naturais de outras localidades do país; 90% são brancas ou pardas e 10% são negras. 90% não estão casadas, se encontram solteiras ou amasiadas e 10% não responderam a questão. O Campo dos Alemães foi o bairro mais expressivo com 65% das adolescentes entrevistadas, outros 30% residem no Parque Dom Pedro e 5% no Jardim Colonial. Em relação às condições de moradia, 55% moram em residências cedidas por parentes, 30% possuem casa própria, 10% pagam aluguel e 5% moram com a mãe; sendo que 100% das casas são de alvenaria. Conforme dados do IBGE (2005) em São José dos Campos, 43% dos domicílios apresentam rendimento mensal de até três salários mínimos. Esta faixa de rendimento chega a 70% na região do Campo dos Alemães. Os dados da pesquisa vêm confirmar esse índice, apontando que 90% das famílias das mães adolescentes pesquisadas, possuem renda familiar igual ou inferior a três salários mínimos. 65% apresentaram frequência escolar durante a gravidez, enquanto 35% interromperam os estudos. Em relação à formação escolar encontrou-se que após a maternidade, 40% prosseguiram os estudos e 60% não retornaram à escola. 40% possuem o Ensino Médio Incompleto, 35% não tem o Ensino Fundamental Completo, 20% concluíram o Ensino Médio e apenas 5% possuem o Ensino Fundamental. Quanto a composição familiar de origem, 35% era constituído com a inclusão de outros parentes, 25% possuíam família tradicional, representada pelo pai, mãe e irmãos, 20% viviam com mãe e irmãos, 10% possuíam agregados na família, 5% não tinham irmãos e somente 5% não viviam com a mãe. Verifica-se que 40% não possuem religião, 40% são católicas e 20% são evangélicas. Referente as orientações recebidas sobre sexualidade, 36% receberam na escola, 16% na FUNDHAS, 16% no grupo de multiplicadores, 12% pela mãe, 8% no Centro de Convivência, 8% na UBS e 4% não tiveram orientação. Em relação a gravidez precoce 38,4% da amostra receberam informação de parentes sobre as conseqüências desse quadro, 26,8% obtiveram na escola, FUNDHAS, UBS e Grupo de Multiplicadores, 11,4% por profissionais (assistente social, professora, médica), 7,6% por amigas e 15,4%

não foram orientadas. Predominou em 75% das entrevistadas a faixa etária entre 14 e 15 anos, quando iniciaram a vida sexual; sendo que 55% engravidaram com idade de 15 a 16 anos, 30% entre 12 a 14 anos e 15% entre 17 a 18 anos.

30% da faixa etária dos pais encontra-se entre 18 a 19 anos. Diante o fato, 43,5% dos pais das crianças, reagiram frente a notícia com respostas de felicidade, 30,4% ficaram assustados, 8,6% mostraram-se agressivos, indicando o aborto como resposta.

Quanto ao planejamento familiar 75% das mães adolescentes alegam não terem planejado a gravidez; sendo que 50% não fizeram uso de métodos contraceptivos, 35% usaram o preservativo masculino e 25% utilizaram a pílula.

### Uso de Método Contraceptivo pelas Adolescentes



Dos sentimentos despertados pela gravidez, a insegurança se destacou correspondendo a 45,8%. Quando descobriram que estavam grávidas, 85% pensaram em dar prosseguimento ao estado de concepção. A reação das famílias frente a circunstância, revelou que 65% não aprovaram o fato, aceitando a situação posteriormente. 45% das jovens indicaram a idade de suas mães quando também engravidaram, com a faixa etária entre 16 e 18 anos.

A composição atual familiar revela, que 45% não residem com o pai de seus filhos, 30% das entrevistadas moram com o companheiro e filhos, enquanto 10% vivem com os seus sogros. 60% das adolescentes responderam ter um bom relacionamento familiar. Quando perguntadas sobre os projetos futuros, 45% das mães adolescentes responderam sobre o desejo em possuir sua própria casa, dinheiro e trabalho. Quanto as novas responsabilidades após a gravidez, 65% das adolescentes enfatizaram o aumento da responsabilidade após a maternidade, sendo que 65% dos pais participam da vida dos filhos, responsabilizando-se nos aspectos financeiro e psicológico.

Sobre as atividades de lazer exercidas pelas mães, 32,1% declararam assistirem televisão, 28,6% visitam amigos ou parentes, passeiam e namoram, 14,3% bordam, ouvem música, curtem o filho, 10,8% freqüentam parques, danceterias, casa de cultura, 10,7% descansam ou dormem e 3,6% afirmaram não realizarem nenhuma atividade de lazer.

### Discussão

A presente pesquisa sobre o Universo Familiar das Mães Adolescentes, aplicada na Instituição AJAS, município de São José dos Campos, possibilitou o conhecimento de diversas informações relacionadas ao fenômeno da maternidade na adolescência, a partir das respostas das entrevistadas. A pesquisa foi aplicada na Região Sul de São José dos Campos, considerando também o bairro mais populoso do Município.

O índice de evasão escolar e o baixo nível de escolaridade entre as adolescentes, por conta da gravidez precoce, também são notórios. Dentre os motivos apresentados, quanto à dificuldade em dar prosseguimento aos estudos, predominam os que estão relacionados à saúde, ao aspecto emocional, à dinâmica familiar e à localização geográfica.

Verifica-se que a orientação basicamente é proveniente de profissionais e instituições com caráter educativo, professoras, escolas e/ou sócio-educacional FUNDHAS, GAM, Centro de Convivência, embora não alcance resultados satisfatórios "a facilidade de acesso à informação sexual não garante maior proteção contra a gravidez não desejada" (AMÂNCIO; VITALLE, 2002, p.03). Somada a essa questão "a educação sexual na escola ainda é apontada como ineficiente, visto que os próprios professores apresentam a falta de informações e preparação como limitantes para abordar estes assuntos no ambiente escolar" (ALMEIDA; FACION, 2004). De acordo com as respostas obtidas, os resultados revelam que, quanto à contracepção, 50% não utilizavam nenhum método, pois não acreditavam que pudessem engravidar. "Isso acontece devido à falta de pensamento operacional formal neste período da vida" (TAQUETTE, 1997, p.64). Esse tipo de pensamento ocorre na passagem da infância para a vida adulta, e muitas adolescentes ainda não adquiriram a capacidade, de prever as conseqüências de seus atos, agindo como se mesmo expostas a um comportamento de risco, não tivessem conseqüências futuras.

A pesquisa também aponta que 90% das mães adolescentes não estão legalmente casadas, confirmando a indicação do IBGE ao demonstrar que “o arranjo conjugal baseado em uniões legais vem perdendo força no país” (IBGE, 2004; p.181).

Porém, surpreendeu as adolescentes com formação de arranjos familiares similares aos que constituía em sua família de origem: seja ele tradicional ou com a presença de algum parente. Outra evidência é que a maioria das mães das entrevistadas também engravidou durante a adolescência, confirmando em pesquisas anteriores esse apontamento que “freqüentemente, a mãe da adolescente foi também uma mãe adolescente solteira” (RIBEIRO; UHLIG, 2003, p.15).

Percebe-se nesse reflexo, já evidenciado por outros pesquisadores, objeto de estudos para posterior intervenção, uma vez que o quadro tende a se perpetuar, trazendo graves conseqüências e efeitos no percurso escolar e profissional dos jovens, bem como para a unidade familiar, afetando assim toda a sociedade. Esse aspecto parece ser evidenciado através da fala de algumas das adolescentes quanto à expectativa em possuir uma família tradicional e de modelo monoparental, vendo na gravidez a possibilidade de construir um lar estável, uma vez que a família originária provinha de grande instabilidade e disfunção. “Sempre quis sair de casa para ter uma família”; “queria ter uma casa separada só para nós três”.

Tal instabilidade e falta de diálogo também evidenciam a reprovação das famílias perante a notícia da gravidez na adolescência. Ainda que, posteriormente tenham aceitado, a situação foi recebida pelas famílias frente a brigas, decepções, críticas e nervosismos, sobretudo por parte das mães das adolescentes. Contudo, através dos dados coletados na pesquisa, percebe-se que a maioria afirmou ter bom relacionamento familiar, considerando o diálogo, a compreensão e o apoio como variáveis importantes.

Do ponto de vista das adolescentes, a experiência da maternidade é encarada como fator gerador de muita responsabilidade. Conforme a análise dos autores, em relação a percepções e sentimentos da maternidade entre as adolescentes foi possível apreender a simultaneidade de sentimentos de satisfação e

acúmulo de encargos pelos diferentes papéis assumidos, impedindo de realizar atividades que antes da gravidez conseguiam fazer.

## Conclusão

Os resultados da pesquisa proporcionaram o conhecimento sobre os novos arranjos familiares das adolescentes do Projeto Pezinho, da Instituição AJAS em São José dos Campos, comprovando as três hipóteses levantadas: adolescente após a maternidade se agrega à família do namorado; o namorado passa a residir com a família da adolescente; e a adolescente, o namorado e o filho formam uma nova composição familiar. Evidenciou-se a insatisfação quanto às expectativas idealizadas de família, onde a maioria das entrevistadas expressa o desejo de terem sua própria casa com uma família tradicional nuclear. Destacou-se também a ineficácia dos serviços públicos, como serviços de saúde e a escola, freqüentemente apontados como “orientadores”. A não resolutividade de seu trabalho de orientação revela a ineficiência de seu papel social frente às questões dessa natureza, levando a conclusão de que os serviços informativos parecem não surtir efeito, na conscientização das adolescentes sobre as implicações de uma gravidez precoce. As próprias adolescentes revelaram seu descrédito em relação ao risco de uma gravidez precoce e as conseqüências dele oriundos.

## Referências

ALMEIDA, M.A.G.; FACION, J.R. Sexualidade Infantil: abordagem exploratória da percepção dos professores sobre a sexualidade das crianças com idade entre 6 e 12 anos. Revista Virtual Const. e Educ., Caçador – SC, 2004.

AMÂNCIO, O.M.S.; VITALE, M.S. de S. Gravidez na adolescência, gballone.sites.uol.com.br/infantil/adolesc3. p.3-4, 2002.

CARVALHO, I.M.M de; ALMEIDA, P.H.de. Família e Proteção Social. In revista São Paulo em Perspectiva I 109-122, 2003. Fundação SEADE.

IBGE, Caderno de Estudos & Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica 15, Síntese de Indicadores Sociais 2004.